

Estratégias de *Coping* no Início da Adolescência*

Paula Cleto**
Maria Emília Costa ***

Partindo da concepção de que a adolescência é um período que envolve transições múltiplas e mudanças significativas, nomeadamente na relação do indivíduo consigo próprio, com os pais e com o grupo de pares, referem-se estudos que consideram o *coping* como uma variável importante para compreender como os adolescentes lidam com situações sentidas por eles como problemáticas. Apresenta-se um estudo sobre as estratégias de *coping* utilizadas por adolescentes, partindo da aplicação do *Coping Across Situations Questionnaire* (CASQ Seiffge-Krenke & Shulman, 1990), numa amostra de 574 alunos do 7º ano de escolaridade, com uma média de idades de 12.3 anos. A análise dos dados foi realizada em função do género e da idade e relativamente aos domínios de vida considerados (*self*, pais e pares). Reflecte-se, finalmente, sobre a pertinência dos resultados obtidos para a intervenção psicológica junto dos adolescentes.

A adolescência é um período do desenvolvimento no qual o indivíduo é confrontado ao mesmo tempo com mudanças físicas e psicossociais, envolvendo uma série de tarefas desenvolvimentais complexas e interrelacionadas, tais como conseguir a autonomia em relação aos pais, estabelecer relações amorosas e desenvolver uma identidade vocacional, entre outras (Havighurst, 1972). É de especial relevância a forma como os adolescentes lidam com estas exigências normativas, que se manifestam em numerosos acontecimentos do quotidiano.

As mudanças com que o adolescente se confronta podem ser concebidas como desafios que envolvem um novo conjunto de exigências adaptativas. Quando não há uma consonância entre as mudanças ou desafios e, nomeadamente, os recursos pessoais e interpessoais, tais como as características individuais do adolescente e o apoio social disponível para lidar

com esses desafios, podem ocorrer manifestações de *stress*. Tal ocorrência implica que para alguns adolescentes estas mudanças são estimuladoras do desenvolvimento, enquanto que para outros constituem-se como fonte de problemas (Brammer & Abrego, 1981; Rice, Herman & Petersen, 1993; Schlossberg, 1981).

De acordo com Wagner e Compas (1990), enquanto que no início da adolescência os agentes de *stress* parecem estar mais relacionados com a família, no meio da adolescência tornam-se mais salientes os relacionados com a rede de relações e com o grupo de pares, acentuando-se no fim da adolescência os relacionados com a escola e com o rendimento académico.

Segundo alguns autores, o início da adolescência pode ser visto como um período potencialmente indutor de *stress*, devido ao facto de o adolescente ter de lidar com muitas mudanças e transições simultaneamente. A investigação tem demonstrado que não são as mudanças em si que constituem factores de risco, mas o sincronismo das mesmas (Rice *et al.*, 1993, Schlossberg, 1981, Seiffge-Krenke, 1995; Simmons, Burgeson & Carlton-Ford, 1987; Zins & Ponti, 1985).

A literatura sobre o *stress* e o *coping* considera este último como um factor indispensável para lidar com acontecimentos de vida, tanto normativos, como não-normativos,

* Comunicação apresentada nas III Jornadas de Consulta Psicológica de Jovens e Adultos, Porto, 24-25 de Outubro de 1996.

** Psicóloga na Escola Secundária Infante D. Henrique, Porto

*** Professora Associada da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Membro do Instituto de Consulta Psicológica, Formação e Desenvolvimento.

e acentua a sua especial utilidade na análise da adaptação às mudanças desenvolvimentais na adolescência. Alguns autores consideram mesmo que o *coping* adolescente é a variável que diferencia os resultados adaptacionais (Garnezy, 1983), e colocam a ênfase na competência para lidar com as tarefas específicas da idade como a variável preditora mais consistente em termos de bem-estar psicológico (Compas, Davis, Forsythe & Wagner, 1987).

Lazarus, Averill e Opton (1974) definiram *coping* como “*esforços de resolução de problemas feitos por um indivíduo quando as exigências que enfrenta são altamente relevantes para o seu bem-estar (...) e quando estas exigências sobrecarregam os seus recursos adaptativos*” (p. 250).

O conceito de *coping* aqui adoptado é o de Folkman, Lazarus, Gruen e DeLongis (1986), que o definem, de uma forma mais lata, como “*pensamentos e comportamentos usados por uma pessoa para lidar com as exigências de uma transacção particular entre si e o meio e que é relevante para o seu bem-estar*” (p. 572).

Segundo estas concepções, as origens do *coping* encontram-se tanto na pessoa (capacidades de resolução de problemas, atitudes) como no meio (recursos financeiros, apoio social), ambas determinando a forma como o *coping* é expresso numa situação em particular. Assim, os processos de *coping* são o resultado de relações transaccionais entre variáveis pessoais e situacionais, da mesma forma que o *stress* depende tanto da pessoa como da situação, surgindo da maneira pela qual a pessoa avalia a relação adaptativa (Lazarus, 1993; Lazarus & Folkman, 1991).

Segundo Gibson e Brown (1992), para além de existirem múltiplas medidas de *coping*, não existe consenso em relação à dimensionalidade do constructo: cada escala propõe uma nova variação no número e tipos de estratégias de *coping* e as análises factoriais para a mesma escala revelam, frequentemente, um diferente número de factores, dependendo das populações e situações sob investigação.

Abordagem histórica do *stress* e do *coping*

Historicamente, o estudo do *coping* inici-

ou-se com a investigação junto dos adultos e só posteriormente se desenvolveu com adolescentes, o que teve implicações em termos da conceptualização do *coping* e da desconsideração de agentes de *stress* específicos da adolescência. Com efeito, Compas *et al.* (1987) criticam o facto de a maioria das medidas para avaliar acontecimentos de vida geradores de *stress* nos adolescentes ser concebida com base na percepção que os adultos têm acerca do que é indutor de *stress*, negligenciando os acontecimentos geradores de *stress* de menor intensidade que são muito importantes na adolescência.

Também o foco da investigação mudou, nomeadamente de perspectivas orientadas em termos de traços para perspectivas transaccionais, que privilegiam a integração de aspectos tanto da pessoa como do meio. (Lazarus, 1993; Lazarus & Folkman, 1991; Philips, 1993). De facto, a maneira de conceptualizar o *coping* tem variado fundamentalmente devido à colocação da ênfase no processo de *coping*, nas características pessoais, na interacção pessoa ambiente ou nos efeitos do *coping* (Krohne, 1990).

Simultaneamente, o conceito de agentes de *stress* tornou-se mais abrangente. Nos anos 80, a análise de acontecimentos críticos deu lugar à investigação de acontecimentos normativos moderadamente geradores de *stress* e acontecimentos indutores de *stress* crónicos de longo-termo (Seiffge-Krenke, 1993, 1995).

Seiffge-Krenke (1993, 1995) delimita duas fases no estudo do *stress* e do *coping*, estendendo-se a primeira até 1985 e a segunda desde essa altura até aos nossos dias.

Relativamente à primeira fase, a autora verificou existirem diferenças qualitativas importantes entre os estudos levados a cabo com adultos e os realizados com adolescentes, nomeadamente e, em relação aos últimos, a assunção de uma abordagem clínica relacionada com acontecimentos de vida de baixa incidência e muito traumáticos. Assim, valorizavam-se mais os aspectos defensivos do que os de *coping*, negligenciando-se questões desenvolvimentais tais como aspectos de mudanças ligadas à idade.

Na segunda fase da investigação desenvol-

veram-se métodos mais rigorosos e específicos relacionados com a idade, bem como novos modelos integrando diferentes tipos de agentes de *stress* e aumentaram os estudos longitudinais com amostras significativas (Seiffge-Krenke, 1993; 1995). Pode, então, afirmar-se que o foco de investigação se deslocou do *stress* e das suas repercussões para o *coping* e a adaptação (Frydenberg, 1997; Seiffge-Krenke, 1995).

Stress e coping na adolescência

Tomando como referência as concepções de Lazarus *et al.* (1974), Seiffge-Krenke (1989, 1995) preocupou-se em desenvolver instrumentos que avaliassem o *stress* e o *coping* nos adolescentes, e teve como grande prioridade examinar os diferentes agentes de *stress* de menor intensidade e as formas como os adolescentes lidam com eles. Preocupou-se, também, em estudar as diferenças individuais, nomeadamente em termos do género e da idade, e teve em atenção as respostas de *coping* em função das situações particulares e das características específicas do problema em causa.

Ao estudar o *stress* adolescente, a autora constatou que os agentes de *stress* quotidianos eram os mais referidos pelos sujeitos e que se relacionavam com problemas em áreas que designou como a Escola, o Futuro, os Pais, o Tempo de Lazer, os Pares, as Relações Amorosas e o *Self*.

Tendo como referência estes domínios de vida e com o objectivo de avaliar o *coping* antecipatório, foi construído o *Coping Across Situations Questionnaire* (CASQ; Seiffge-Krenke, 1989, 1995; Seiffge-Krenke & Shulman, 1990), uma matriz bidimensional que inclui 20 estratégias de *coping* aplicadas a 8 áreas problemáticas específicas da adolescência (o domínio de vida relacionado com a Escola foi, posteriormente, subdividido em Estudos e Professores), áreas estas que provaram ser representativas de problemáticas desenvolvimentais específicas da idade e indutoras de conflitos em cerca de 2000 adolescentes alemães com idades compreendidas entre os 12

e os 20 anos (Seiffge-Krenke, 1995; Seiffge-Krenke & Shulman, 1990).

Em vários estudos com este questionário, a análise factorial revelou a existência de 3 factores (Seiffge-Krenke, 1989, 1992, 1995; Seiffge-Krenke & Shulman, 1990; Shulman, Carlton-Ford, Levian & Hed 1995): (a) o *coping* activo, que inclui acções tais como a procura activa de informação e a mobilização de recursos sociais (ex.: “*Tento resolver os problemas com a ajuda dos meus amigos*”); (b) o *coping* interno, que enfatiza a avaliação da situação por parte do adolescente e a necessidade de procurar soluções de compromisso (ex.: “*Digo a mim próprio que sempre existirão problemas*”); (c) o *coping* reactivivo (*withdrawal*), que implica uma abordagem fatalista das situações e que conduz a um afastamento e/ou demissão e à incapacidade para resolver o problema, sendo considerado um estilo de *coping* disfuncional (ex.: “*Acabo por não fazer nada porque não consigo mudar o que quer que seja*”).

Análise diferencial dos resultados do CASQ

Referem-se, agora, alguns dos resultados encontrados na investigação com amostras não clínicas de adolescentes, com idades compreendidas entre os 12 e os 19 anos, a partir da aplicação do CASQ. Apresentam-se, em primeiro lugar, os resultados globais e os resultados relacionados com os domínios *Self*, Pais e Pares. Em segundo lugar, apresentam-se os resultados da análise diferencial em função do género e da idade, para os dados globais e para os domínios acima considerados.

Em todas as situações problemáticas, os adolescentes usaram, com mais frequência, estratégias de *coping* activo e interno, comparativamente a estratégias de *coping* reactivivo. Em estudos com adolescentes alemães (Seiffge-Krenke, 1992, 1995; Seiffge-Krenke &

¹ Em 1989, Seiffge-Krenke apresentou um estudo sobre o desenvolvimeto de um questionário de *coping* que, apesar de a autora não lhe ter atribuído qualquer nome, é, em nosso entender, a primeira versão do CASQ. Posteriormente, em 1990, o questionário foi publicado por Seiffge-Krenke e Shulman e, mais recentemente, por Seiffge-Krenke (1995).

Shulman, 1990), o *coping* activo constituiu o estilo dominante, seguido pelo *coping* interno e finalmente pelo *coping* retractorivo (ibidem), enquanto que, junto de uma amostra constituída por adolescentes israelitas, se verificou um equilíbrio entre a utilização de estratégias activas e internas de *coping*, apesar de o *coping* interno surgir em primeiro lugar, seguido do activo e, finalmente, do retractorivo (Seiffge-Krenke & Shulman, 1990).

Nos estudos com adolescentes alemães, encontrou-se uma diferença geral significativa para o género, no *coping* activo e no *coping* retractorivo. As raparigas apresentaram valores mais elevados em ambos os estilos do que os rapazes, mas a diferença era muito mais pronunciada no *coping* activo (Seiffge-Krenke, 1995; Seiffge-Krenke & Shulman, 1990). Junto de adolescentes israelitas, as diferenças de género só se verificaram no estilo activo de *coping*, apresentando as raparigas valores mais elevados do que os rapazes (Seiffge-Krenke & Shulman, 1990).

Foi, também, revelado um efeito principal significativo da idade, numa amostra de adolescentes alemães. Esta diferença foi verificada para os estilos de *coping* activo e interno. Assim, constatou-se que o uso de formas internas e de formas activas de *coping* apresentou valores mais elevados nos grupos etários mais velhos. O efeito principal da idade encontrado para o *coping* interno foi da responsabilidade, nomeadamente, dos domínios Pais e *Self*, verificando-se que os adolescentes mais velhos utilizam, mais frequentemente, estratégias de *coping* interno do que os mais novos (Seiffge-Krenke, 1995). Junto de outra amostra de adolescentes também alemães, verificou-se existir uma tendência para o *coping* interno aumentar com a idade, assim como o *coping* retractorivo (à excepção do grupo dos 16 anos), não se observando diferenças significativas no estilo activo de *coping* em função da idade (Seiffge-Krenke & Shulman, 1990). Para os adolescentes israelitas, os resultados globais dos estilos de *coping* activo e interno e, em certa medida, do retractorivo, diminuíram com a idade (ibidem).

Nenhuma interacção significativa entre idade e género foi encontrada nos três estilos

de *coping* (Seiffge-Krenke, 1995; Seiffge-Krenke & Shulman, 1990).

Estratégias de *coping* numa amostra de adolescentes portugueses

Com o objectivo de estudar as estratégias de *coping* utilizadas pelos jovens portugueses no início da adolescência, aplicou-se o CASQ (Seiffge-Krenke & Shulman, 1990), numa versão para investigação, junto de alunos do 7º ano de escolaridade². Esta versão utilizou 5 dos 8 domínios de vida considerados: Estudos, Professores, Pais, Pares e *Self*. Este artigo cinge-se apenas aos domínios do *self*, dos pais e do grupo de pares.

Optou-se por utilizar este instrumento pelo interesse em avaliar o *coping* antecipatório em relação a problemas com que os adolescentes se confrontam no seu dia-a-dia e que são fontes de *stress* normativo desenvolvimental.

A amostra é constituída por 574 sujeitos (283 do género masculino e 291 do género feminino), com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos. A média de idades da amostra é de 12.3 anos.

Características psicométricas do CASQ

A análise factorial por eixos principais, sujeita a rotação varimax, revelou a existência de 2 factores e não de 3, sendo o primeiro factor saturado predominantemente por itens relacionados, noutros estudos, com estratégias activas de *coping* (ex.: "*Falo logo acerca dos problemas quando eles aparecem e não me preocupo mais*") e o segundo factor saturado por itens relacionados quer com o *coping* interno (ex.: "*Digo a mim próprio que sempre existirão problemas*"), quer, em maioria, com o *coping* retractorivo (ex.: "*Acabo por não fazer nada porque não consigo mudar o que quer que seja*").

A análise factorial para cada uma das situações problemáticas referidas (*Self*, Pais e Pares) apresentou uma estrutura idêntica.

O factor 1 foi designado por *coping* activo, e enfatiza a procura activa de informação

² A versão do CASQ utilizada no presente estudo foi a de Seiffge-Krenke e Shulman (1990).

e a mobilização de recursos sociais, explicando 19% do total da variância. O factor 2 foi designado por *coping* não-activo e reflecte uma abordagem fatalista das situações que conduz a um afastamento e/ou demissão, mas integra também estratégias internas de *coping*, explicando 8,8% do total da variância.

A consistência interna foi calculada através do índice *alpha* de Cronbach para cada um dos factores e para o total do questionário, excluindo dois itens que apresentavam saturações abaixo de .30 e que faziam baixar o valores da consistência interna. Assim, o cálculo do valor *cb alpha* e o tratamento dos dados foram realizados sem aqueles itens. Os valores

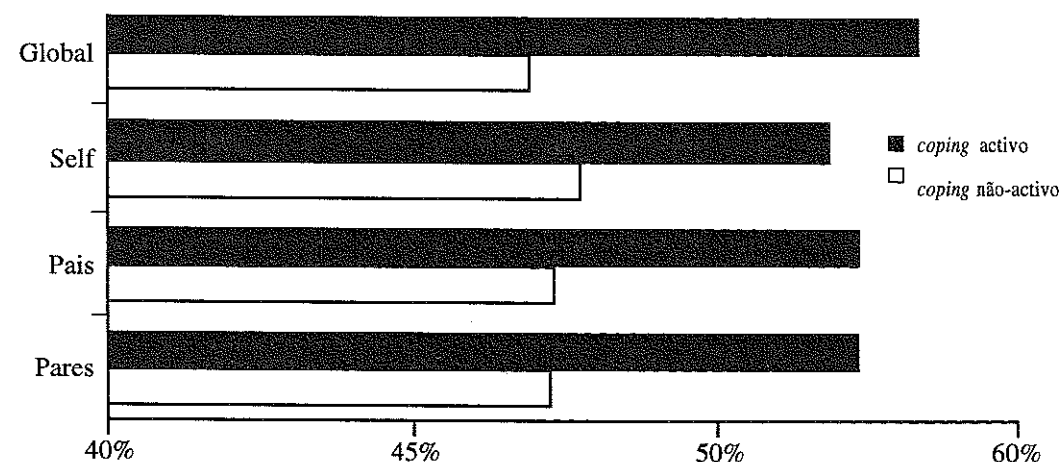
do *alpha* para os factores 1 e 2 foram de .80 e .74, respectivamente, e para o questionário completo foi de .80.

Análise diferencial dos resultados do CASQ

O tratamento dos dados consistiu na análise do total da amostra para os resultados globais e para os três domínios considerados (*Self*, Pais e Pares), verificando-se que os adolescentes utilizam, predominantemente, estratégias activas de *coping*, quer em termos de resultado global, quer quando antecipam problemas consigo próprios, com os pais ou com o grupo de pares (Figura 1).

Figura 1

Percentagem do *coping* activo e de *coping* não-activo para o resultado global e para os três domínios de vida. N=574



Quadro 1

Média, desvio-padrão e análise da variância do *coping* em função do género. N=574

	GÉNERO				
	MASCULINO		FEMININO		F
	M	DP	M	DP	
Coping activo global	112.05	23.71	117.15	19.31	77.99 **
Coping não-activo global	102.74	20.58	100.48	21.06	1.68
Coping activo self	22.19	5.41	22.58	4.48	.91
Coping não-activo self	22.19	4.51	20.13	4.85	1.66
Coping activo pais	21.91	5.28	23.41	4.54	13.24 ***
Coping não-activo pais	20.64	4.55	20.22	4.72	1.63
Coping activo pares	22.02	5.49	22.90	4.62	4.32 *
Coping não-activo pares	20.25	4.63	20.10	4.81	.16

Nota: * $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Quadro 2

Média, desvio-padrão e análise da variância em função da idade. N=508

	IDADE							F	SCHEFFÉ
	11 Anos		12 Anos		13 Anos				
	M	DP	M	DP	M	DP			
Coping activo global	110.50	18.77	114.26	20.87	115.14	22.42	1.22		
Coping não-activo global	94.38	19.70	99.81	18.51	105.30	23.61	6.44	** 13>11	
Coping activo self	22.05	3.86	22.17	4.99	22.32	4.88	.07		
Coping não-activo self	19.45	4.05	19.91	4.33	20.77	5.22	1.98		
Coping activo pais	21.71	4.22	22.50	4.82	23.05	5.30	1.61		
Coping não-activo pais	18.97	4.18	20.03	4.16	21.42	5.36	6.56	**13>11;13>12	
Coping activo pares	21.76	4.30	22.40	4.82	22.83	5.71	.90		
Coping não-activo pares	18.84	4.21	19.88	4.19	20.96	5.78	4.59	* 13>11	

Nota: *p<.05 **p<.01

Os resultados diferenciais foram calculados em função do género e da idade (Quadros 1 e 2, respectivamente).

A análise da variância revela não existirem diferenças estatisticamente significativas em função do género no estilo não-activo de coping, quer no resultado global, quer para cada um dos domínios de vida considerados, embora se verifique que os rapazes utilizam mais frequentemente do que as raparigas estratégias não-activas de coping. Relativamente ao coping activo, verificam-se diferenças significativas no resultado global, $F(1,572)=7.99$, $p<.01$, apresentando as raparigas um valor médio mais elevado neste estilo de coping. A tendência é a mesma nos três domínios de vida considerados, situando-se as diferenças significativas no relacionamento com os pais, $F(1,568) = 13.24$, $p<.001$, e com o grupo de pares, $F(1,572) = 4.32$, $p<.05$, que demonstram que as raparigas utilizam, com mais frequência do que os rapazes, estratégias activas de coping para lidar com as situações.

A análise da variância realizada em função da idade, teve em conta os grupos de alunos de 11, 12 e 13 anos. Os adolescentes de 14, 15 e 16 anos não foram tidos em conta para este tratamento, por constituírem grupos percentualmente baixos em relação ao total da amostra. Os resultados diferenciais significativos encontrados decorrem da aplicação do teste Scheffé.

Relativamente quer ao resultado global quer aos resultados por domínios, não se verificam diferenças estatisticamente significativas no coping activo em função da idade, embora se registre sempre um aumento com a idade. Observam-se diferenças significativas em termos de resultado global no coping não-activo, $F(2,505)=6.44$, $p<.01$, entre o grupo dos 11 e o grupo dos 13 anos, demonstrando os alunos mais velhos um valor médio mais elevado neste estilo de coping. Verifica-se uma tendência idêntica nos três domínios de vida considerados, situando-se as diferenças significativas no relacionamento com os pais, $F(2,502) = 6.56$, $p<.01$, entre os alunos de 11 e os de 13 anos e entre os de 12 e os de 13 anos, e no relacionamento com os pares, $F(2,505) = 4.59$, $p<.05$, entre os alunos de 11 e os alunos de 13 anos, o que mostra que os adolescentes mais velhos utilizam, com mais frequência do que os mais novos, estratégias não-activas de coping.

Não foi encontrada nenhuma interacção significativa entre idade e género nos dois estilos de coping.

Discussão

Verifica-se que, com efeito, na amostra portuguesa não emergiu um factor responsável por um estilo de coping que implique a ava-

liação das situações por parte do adolescente e a necessidade de procurar soluções de compromisso, ou seja, um factor relacionado com estratégias internas de coping. Uma primeira explicação para esta questão pode residir no facto de os alunos do presente estudo pertencerem a uma faixa etária mais baixa do que os adolescentes de outras amostras. Na realidade, numa das amostras alemãs verifica-se uma tendência para as formas internas de coping aumentarem com a idade, o que é congruente, aliás, com o aumento de capacidades cognitivas verificado nesta fase da vida. Uma segunda explicação poderá ter a ver com o que se verifica na mesma amostra e onde se sugere que, dada a correlação inter-factores (o coping interno correlaciona-se a .38 com o coping activo e a .35 com o coping retractor), o coping interno tem origem no dilema aproximação/evitamento, o que também poderá ocorrer com os alunos do presente estudo, no qual os itens internos saturam conjuntamente com os reactivos. Uma terceira explicação poderá residir no facto de se estar perante sociedades diferentes, com influências histórico-culturais diferentes, o que influenciará, por certo, a utilização de estratégias diferenciadas de coping. "Apesar de muitas tarefas desenvolvimentais serem universais, têm conotações diferentes para os adolescentes nas diferentes sociedades. Consequentemente, os adolescentes respondem ou são encorajados a responder às mesmas tarefas desenvolvimentais com diferentes modos de coping" (Seiffge-Krenke & Shulman, 1990, p. 353).

À semelhança do que acontece na amostra alemã, verifica-se que os adolescentes portugueses lidam com as situações indutoras de stress do quotidiano recorrendo, preferencialmente, a estratégias activas de coping, tanto de uma maneira geral, como quando confrontados com situações específicas, respectivamente com problemas relacionados com o Self, com os Pais ou com os Pares.

No que diz respeito às diferenças de género, também aqui as diferenças se situam em relação ao coping activo, utilizando as raparigas mais frequentemente do que os rapazes estratégias activas para lidar com os problemas de vida.

Em relação à idade e, apesar de não ser possível fazer comparações entre grupos etários

diversificados, observa-se que, mesmo entre os 11, os 12 e os 13 anos, existem diferenças, que confirmam, em parte, os resultados de outros estudos: o coping activo aumenta com a idade e o coping não-activo, que no presente estudo integra estratégias reactivas mas também estratégias internas, aumenta significativamente com a idade.

Resumindo, os estudos realizados com adolescentes alemães (Seiffge-Krenke, 1992, 1995; Seiffge-Krenke & Shulman, 1990) e o realizado com a amostra portuguesa indicam que os adolescentes tendem a lidar com os agentes de stress de menor intensidade, isto é, problemas com que se confrontam no seu dia-a-dia (hassles), recorrendo, predominantemente, a estratégias activas de coping, embora também utilizem estratégias internas e, em menor grau, reactivas. De acordo com Seiffge-Krenke e Shulman (1990), e na linha de Lazarus *et al.* (1974), os modos activos e passivos de coping são ambos potencialmente apropriados para lidar com os desafios do meio. Considera-se, também, que os indivíduos não podem ser rigidamente classificados segundo um estilo de coping, denotando capacidade de alternarem flexivelmente entre várias estratégias de coping, designadamente em função dos seus recursos pessoais e interpessoais, e das características específicas dos contextos de vida.

Implicações para a intervenção psicológica

Considera-se que a intervenção psicológica para ajudar os adolescentes a lidarem com situações geradoras de stress do seu dia-a-dia deve assumir um carácter promotor do desenvolvimento humano, dirigido a todos os jovens e não exclusivo de populações em risco.

A escola pode ser considerada como um contexto privilegiado de intervenção, em articulação com outros contextos, em particular a família. Com efeito, é na escola que os adolescentes passam grande parte do seu tempo em interacção com os colegas e os amigos, o que possibilita o recurso à rede de relações do grupo de pares, tão importante para o desenvolvimento de estratégias de coping. Para além disso, a actual estrutura curricular do ensino básico

proporciona oportunidades de concretização de projectos de intervenção, nomeadamente nos espaços da área-escola e de complemento curricular, que não serão de desprezar.

Alguns dos objectivos da intervenção poderão consistir em tornar os adolescentes mais sensíveis às diferentes facetas dos problemas, encorajar ideias e pensamentos alternativos para lidar com as situações, e oferecer a oportunidade para experimentarem novas estratégias de *coping*.

A metodologia considerada mais adequada para atingir os objectivos propostos, deverá contemplar, equilibradamente, momentos de acção e de reflexão, no âmbito de uma relação interpessoal significativa, que providencie, simultaneamente, componentes de apoio e de desafio (Campos, 1991; Coimbra, 1991; Sprint-hall, 1991). Neste sentido, acentua-se a importância do desempenho de papéis reais em contextos reais, em que os adolescentes possam viver experiências significativas e mais complexas do que é habitual para eles. No caso do desenvolvimento de estratégias de *coping*, considera-se, particularmente importante a partilha e o confronto de diferentes perspectivas face a experiências de acção vividas pelos sujeitos, enquanto condição essencial para a descentração face aos seus próprios quadros de referência e para o desenvolvimento de conflitos cognitivo-emocionais, potenciando-se desta forma o desenvolvimento psicológico.

Bibliografia*

- Brammer, L. M., & Abrego, P. J. (1981). Intervention strategies for coping with transitions. *The Counseling Psychologist*, 9, 2, 19-36.
- Campos, B. P. (1991). Psychological intervention and human development. In B. P. Campos (Ed.), *Psychological intervention and human development* (pp.13-23). Porto: Instituto de Consulta Psicológica, Formação e Desenvolvimento da F.P.C.E.U.P. e Louvain La-Neuve: Academia.
- Coimbra, J. L. (1991). *Estratégias cognitivo-*

desenvolvimentais em consulta psicológica interpessoal. Dissertação apresentada para a prova complementar de doutoramento em Psicologia. Porto: Instituto de Consulta Psicológica, Formação e Desenvolvimento da F.P.C.E.U.P.

- Compas, B. E., Davis, G. E., Forsythe, C. J., & Wagner, B. M. (1987). Assessment of major and daily stressful events during adolescence: The adolescent perceived events scale. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 55, 4, 534-541.
- Folkman, S., Lazarus, R. S., Gruen, R. J., & DeLongis, A. (1986). Appraisal, coping, health status, and psychological symptoms. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 3, 571-579.
- Frydenberg, E. (1997). *Adolescent coping: Theoretical and research perspectives*. London: Routledge.
- *Garmezy, N. (1983). Stressors of childhood. In N. Garmezy & M. Rutter (Eds.), *Stress, coping and development in children* (pp. 43-84). New York: Me Graw-Hill.
- Gibson, J., & Brown, S. D. (1992). Counseling adults for life transitions. In S. D. Brown & R. W. Lem (Eds.), *Handbook of Counseling Psychology*, (pp.285-313). New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Havighurst, R. J. (1972). *Developmental tasks and education*. New York: David McKay.
- *Krohne, H. W. (1990). Stress und stressbewältigung (stress and coping). In R. Schwarzer (Ed.), *Gesundheitspsychologie* (pp. 263-277). Göttingen: Hogrefe.
- Lazarus, R. S. (1993). Coping theory and research: Past, present and future. *Psychosomatic Medicine*, 55, 234-247.
- *Lazarus, R. S., Averill, J., & Opton, E. (1974). The psychology of coping: Issues of research and assessment. In G. V. Coelho, A. Hamburg & J. E. Adams (Eds.), *Coping and adaptation* (pp. 249-315). New York: Basic Books.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1991). The concept of coping. In A. Monat & R. S. Lazarus (Eds.), *Stress and coping: An anthology* (pp. 189-206), New York: Columbia University Press.
- Phillips, B. N. (1993). *Educational and psychological perspectives stress in students, teachers and parents*. Vermont: Clinical Psychology Publishing Company, Inc..
- Rice, K. G., Herman, M. A., & Petersen, A.C. (1993). Coping with challenge in adolescence: A conceptual model and psycho-educational intervention. *Journal of Adolescence*, 16, 235-251.
- Schlossberg, N. K. (1981). A model for analyzing human adaptation to transition. *The Counseling Psychologist*, 9, 2, 2-18.
- Seiffge-Krenke, I. (1989). Bewältigung alltäglicher problemsituationen: Ein coping-fragebogen für jugendliche. *Zeitschrift für Differentielle und Diagnostische Psychologie*, 10, 4, 201-220.
- *Seiffge-Krenke, I. (1992). Coping behavior of Finnish adolescents: Remarks on a cross-cultural comparison. *Scandinavian Journal of Psychology*, 33, 4, 301-314.
- Seiffge-Krenke, I. (1993). Introduction. *Journal of Adolescence*, 16, 227-233.
- Seiffge-Krenke, I. (1995). *Stress, coping and relationships in adolescence*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Seiffge-Krenke, I., & Shulman, S. (1990). Coping style in adolescence: A cross-cultural study. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 21, 3, 351-377.
- Shulman, S., Carlton-Ford, S., Levian, R., & Hed, S. (1995). Coping styles of learning disabled adolescents and their parents. *Journal of Youth and Adolescence*, 24, 3, 281-294.
- Simmons, R.G., Burgeson, R., & Carlton-Ford, S. (1987). The impact of cumulative change in early adolescence. *Child Development*, 58, 1220-1234.
- Sprinthall, N. (1991). Role taking programs for high school students: New methods to promote psychological development. In B. P. Campos (Ed.), *Psychological intervention and human development* (pp. 33-38). Porto: Instituto de Consulta Psicológica, Formação e Desenvolvimento da F.P.C.E.U.P. e Louvain-La-Neuve: Academia.
- Wagner, B. M., & Compas, B. E. (1990). Gender instrumentality and expressivity: Moderators of the relation between stress and psychosocial symptoms during adolescence. *American Journal of Community Psychology*, 18, 3, 383-406.

- Zins, J. E., & Ponté, C. R. (1985). Strategies for enhancing child and adolescent mental health. *Health Promotion in the School*, 46-60.

Abstract

Cleto, P. & Costa, M. E. Coping strategies in early adolescence. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 1996, 93-102. Having in mind the notion that the adolescence is a period that involves multiple transitions and significative changes, namely in the relation of the individual with himself, with his parents and with the peers group, some studies are referred that consider the *coping* as an important variable to understand how adolescents deal with situations felt by them as problematic. A study is presented about the strategies of *coping* used by adolescents, having in mind the application of the *Coping Across Situations Questionnaire* (CASQ; Seiffge-Krenke & Shulman, 1990), in a sample of 574 students of the 7th Grade of scholarship, with an average of ages 12.3 years. The analysis of the data was carried out according to the gender and age and relatively to the domains of life considered (*self*, parents and peers). It reflects, finally, upon the pertinence of the obtained results for the psychological intervention with the adolescents.

Résumé

Cleto, P. & Costa, M. E. Stratégies de coping en début d'adolescence. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 1996, 93-102. En partant de la conception que l'adolescence est une période qui implique changements multiples et importants des notamment dans le rapport de l'individu avec lui-même, avec ses parents et avec son groupe de pairs, on présente des études qui considèrent le *coping* comme une variable importante pour comprendre l'attitude des adolescents face aux situations qu'ils considèrent problématiques. On présente une étude sur les stratégies de *coping* utilisées par les adolescents, en partant de l'application du *Coping Across Situations Questionnaire* (CASQ Seiffge-Krenke & Shulman, 1990), à un

* Os textos assinalados com asterisco (*) não foram consultados directamente.

échantillon de 574 étudiants de la 7^{ème} année de scolarité, dont la moyenne d'âge est 12.3 ans 4 mois. Les données ont été analysées en fonction du genre et de l'âge des sujets; et des domaines de vie considérés (*self*, parents,

pairs). Finalement, certaines réflexions ont été développées à propos de pertinence des résultats obtenus pour l'intervention psychologique auprès des jeunes.